

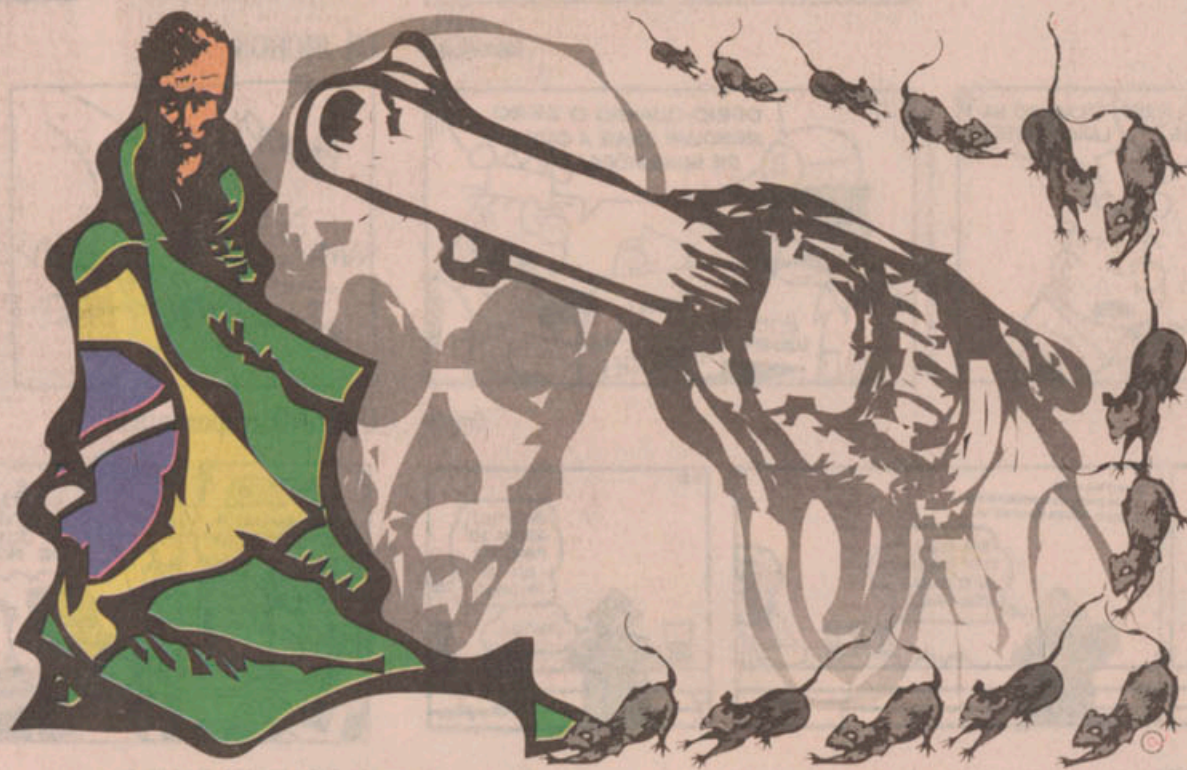
SEGUNDO CADERNO

GERALD THOMAS

NOVA YORK

Durante semanas, me preparei pra escrever sobre o evento em Diadema e na Cidade de Deus. Tinha até achado um título: "Dia D (ema)". Pesquisei, perguntei, troquei opiniões e consegui um monte de informações do meu amigo e consultor Haroldo Netto, do Rio. Haroldo é um intelectual como poucos. Tradutor, ex-militar, ele é um ser movido a informação sobre tudo e todos. Debatedor por natureza, Haroldo é um brasileiro com uma cultura universal invejável, capaz de dissertar com naturalidade sobre o Suez (onde serviu), ou a Guerra da Coreia. Suas informações são sempre acompanhadas de opiniões fortes, em que predomina um "brasilianismo" inteligente, cético, malandro, atípico, pois enxerga qualquer evento, nacional ou internacional, sob prismas vastos. Ele me alertou, com uma nitidez impressionante, sobre todos os aspectos históricos, sociais e culturais que levam a PM de hoje a ser como é, que levam a sociedade brasileira a ser como é, com sua Justiça desacreditada, com seus "sistemas" desacreditados, desde a chegada dos portugueses ao Monte Pascoal até o Plano Real.

O artigo foi crescendo e crescendo. No final de dez dias, eu havia escrito um tratado, impublicável, naturalmente. Ele cobria tudo, desde as informações do Haroldo até o aspecto cinema-*vérité* que levou as imagens de Diadema pro mundo. O artigo tentava justificar (marotamente, é claro) o trocadilho do título e terminava com o Tribunal de Nuremberg, que aliás foi decorrência óbvia da libertação da Europa pelas tropas americanas (ou deveria dizer "aliadas") naquele dia na Normandia. Mas o que fazer com tanta informação? O que fazer com tanta explicação? No fim, resolvi abandonar essa "mais uma" opinião sobre a tragédia diária brasileira. Eu percebi que meu gesto havia sido tipicamente o de todos os brasileiros, desde aqueles que observam os fatos passivamente aos que reclamam e nada fazem, ou aqueles de tanto conhecem o passado e o presente de seu país, se sentem incapazes, frustrados e impotentes. O Brasil é um país de alardes, de grandes manchetes, de grandes revelações, que caem no esquecimento total em questão de meses. A mesma imprensa, que adora desbravar o fato abandona-o, pois o próprio público acha a repetição uma coisa chata. Exige a diversificação, pede outro escândalo, como se ele, o escândalo, constituísse um show inevitável, trágico, irreversível, crônico incurável, mas que, de



O Brasil é um país de grandes manchetes

Público e imprensa se divertem com escândalos como se eles fossem um show e deixam o debate de lado

tão comum, só tem o poder de chocar por algumas horas, talvez dias. Ou seja, o escândalo entretém.

Tudo aquilo que constitui em forma e em essência o Brasil de hoje deveria ser explorado em seus mínimos detalhes (às vezes chatos mesmo), mas antes que isso aconteça, acaba sendo substituído por algum outro show, algum outro escândalo, que vai desde a corrupção nas instituições mais básicas como o INSS, até um ladrão que hoje mora em Miami, Fernando Collor de Mello. É por isso, talvez,

que o brasileiro gosta tanto que se fale bem do Brasil, já que os fatos diários demonstram o contrário. Quando se critica o Brasil, contudo, tem que se fazê-lo com uma forte moral por trás, ou acham o fundamento da crítica uma postura arrogante, antipática. Enquanto isso, tanto os cegos quanto aqueles que não enxergam muito bem acabam endossando o sistema (o *impeachment* de Collor e as Diretas Já foram formidáveis exceções) da injustiça e da impunidade. O que fazer? Ah, fazer uma via-

genzinha... pra Nova York, sei lá! Paris... Miami, "dar um respiro"...

"Gente, como o Brasil é xenofóbico, provinciano, autocrático!", exclamou um amigo brasileiro, turista aqui por uma semana. Eu estava mostrando pra ele o SoHo, mais especificamente a loja Dean & DeLuca. Diante da seção de cafés (32 variedades), meu amigo notou "Ué, cadê o café brasileiro?". Na verdade, não tinha café brasileiro. Nem deveria. Nem a Varig (a companhia que estampa a bandeira brasileira em seus aviões) prestigia o café brasileiro e serve, literalmente, o pior café do mundo, aquele instantâneo, solúvel, enquanto a Lufthansa ou a Delta tem orgulho de revelar a origem e feitura do café que servem. O Dean & DeLuca tem de tudo, desde Java até o mais caro, o Blue Mountain, jamaicano. Fomos andando pela rua e, a cada esquina, seus olhos brilhavam. "Que impressão errada a gente tem do mundo!", ele exclamava. "Nossos olhos são obcecados com nossos umbigos", repetia ele. "Nos falta isso aqui" (referindo-se à imensidão de etnias, de possibilidades, de variedades, de contrastes culturais que constituem as ruas de NY). "É, mas não tem jeito mesmo", dizia ele, "vai precisar uns 200 anos pro Brasil chegar nisso". "Pensando assim como você está pensando, vai mesmo", repliquei. E vim pra casa escrever o meu tratado sobre Diadema, e sobre todas as feridas expostas e cânceres escondidos do gigante adormecido. No fim de quase 30 mil caracteres (o que dá, mais ou menos, cinco colunas dessas) parei, desisti. Eu não entendo o Brasil. Não entendo nada de Brasil. Mas entendo que a exclamação do meu amigo ("Como o Brasil é xenofóbico, autocrático") acaba sendo uma das grandes chaves da questão, pois não existe civilização que progrida, realmente, substancialmente, a não ser através de uma dialética acirrada com a situação global, aprendendo e ensinando, enfim, se espelhando na História, essa que parece invisível ao brasileiro. Ainda me ocorreu a devastação da Amazônia e o Movimento dos Sem Terra... Abri o meu livro "Arnold Schoenberg's Vienna" e mergulhei nos escândalos artísticos do início do século daquela cidade. Homem contra homem, movimento contra movimento e os críticos contra todos. Vaia, urros, aplausos, a Vienna de Schoenberg, de Kokoshka, de Klimt era polêmica, personalista, pedante, arrogante e nela batalhava-se por uma identidade. E, meu Deus do céu, quanta identidade produziu! É verdade. A vida é um escândalo. Vamos ao próximo.

E-mail para esta coluna: 103266.3640@Compuserve.com

Dorival é quem brilha mais na festiva noite dos Caymmi no Copa

CDs são lançados com coquetel e show em que a voz do pai, perto dos 83 anos, surpreende pelo timbre de um jovem

Fernando Quevedo

João Máximo

Foi uma grande noite, à altura do homenageado. Coquetel e show de lançamento do CD duplo "Caymmi inédito", anteontem, no Golden Room do Copacabana Palace, começaram com festa e acabaram em emoção.

A festa reuniu cerca de 500 convidados — artistas, gente da música, escritores, jornais e TVs, mas sobretudo amigos de Dorival Caymmi — numa confraternização só.

Um balanço bom e seus muitos admiradores

A emoção maior aconteceu no palco, quando Caymmi e os filhos Nana e Danilo cantaram juntos "História de pescadores" (Dori, em Los Angeles, não foi).

Durante o coquetel que antecedeu o show, os Caymmi ainda a caminho do Golden Room, ouvimos o CD duplo lançado ali oficialmente. Emilio Santiago e Selma

Reis, Elza Soares e Alceu Valença (que distribuía a letra da canção que escrita em homenagem a Caymmi), Cláudia Jimenez e Leila Pinheiro, Hermínio Bello de Carvalho e Tônia Carrero, Dora Vergueiro e Ana Lontra Jobim eram alguns dos presentes. Pedro Bial, que gravara de tarde uma entrevista com Caymmi para o Fantástico, não resistiu e ficou para a festa e para o show.

Este, em vários aspectos, foi surpreendente. Não tanto por Nana, que deu início a cantoria interpretando obras-primas do pai: "Acalanto" (sua primeira gravação), "Só louco", "E eu sem Maria", "João Valentão". Provou mais uma vez que, além do próprio, é ela a melhor intérprete de Dorival Caymmi. Acompanhando-a no piano, com brilho, Cristóvão Bastos ("O dia em que Cristóvão me abandonou — diria ela depois do show — eu abandono a música"). Ótimo começo de show.

Danilo entrou em seguida, acompanhado ao piano por Mi-

sael Hora (filho de Rildo). Dedicou sua participação a sambas mais ritmadas: "Maracangalha", "O que é que a baiana tem?", "Requebre que eu dou um doce".

A surpresa maior ficou por conta da voz de Caymmi, bonita, segura, afinadíssima, nem parecendo vir de um homem de quase 83 anos (completa-os dia 30) que raramente canta profissionalmente. O show do homenageado foi uma emoção após outra ("Chorei várias vezes", contaria Caetano Veloso).

Cantos do mar na voz de seu maior cantor

Caymmi decidiu começar pelas chamadas "canções praias", sua principal marca, e foi aplaudido de pé ao fim de cada uma. Difícil dizer qual é a melhor, pois tanto a onomatopéica "O vento" como a sentida "Saudade de Itapoã" têm força de música tradicional, enraizada na cultura brasileira. Contudo, ao mudar o repertório para os sambas-canções

— "Não tem solução" e "Nem eu" entre eles — Caymmi como que lembrou à platéia emocionada que sua música não praias, em especial os sambas tristes tipo Rio anos 50, são jóias de igual valor. Na verdade, para muitos, o Caymmi de Copacabana (o local da homenagem foi escolhido por suas ligações com o bairro) é melhor que o de Salvador, se é que isso é possível. Mas o que o show deixou claro, mesmo, todo mundo já sabia: Dorival Caymmi é um compositor único, dos maiores da música brasileira, independentemente de época ou lugar.

Caetano foi abraçá-lo na cadeira em que Dorival se sentou durante o coquetel que prosseguiu após o show. A mesma coisa foi feita pelos demais convidados.

— Ele foi a coisa mais linda da noite — sentenciou Nana.

Do que ninguém discordou. ■

Letras de músicas e a carreira de Caymmi: GLOBO ON <http://www.oglobo.com.br>



DORIVAL CAYMMI e a filha Nana num dos momentos de emoção da noite

Ultra: Depois da tentativa de suicídio do cantor Dave Gahan, grupo renasce fiel à sua identidade musical

Depeche Mode mescla tecnologia e melodrama pop

Hélio Hara

DISCO CRÍTICA

Nos anos 80, o Depeche Mode era um grupo de topetudos obcecado pelo glamour: foram eles que, depois da crueza punk dos 70, ajudaram a construir o neo-romantismo, enchendo palcos e boates de penteados ultrajantes, roupas exageradas e uma música alicerçada em sintetizadores. Suas canções provavam ao mundo a importância do precursor Kraftwerk. Nos anos 90, o Depeche Mode virou sinônimo de mega-shows, cifras milionárias e muita heroína. Suicídio, decadência e um quase fim.

"Ultra" (lançado no Brasil pela

Paradoxx), o novo CD da banda, vem sendo vendido como "o disco do renascimento". Uma amostra da energia pós-desintoxicação do vocalista Dave Gahan. É um disco (muito) decente, mas que, musicalmente, não expressa grande inovação. Na tarefa de reconstrução, foram chamados o já histórico Tim Simenon para a produção (o cérebro do Bomb the Bass), Jaki Liebzeit (baterista do excepcional grupo alemão Can) e Doug Wimbish (ex-baixista do Living Colour).

"Ultra" teve pré-estréia com o *single* "Barrel of a gun", que descreve os horrores do vício. Não é a mesma coisa, mas mostra como a saudável barulheira guitarra-

tecnologia promovida pelo Chemical Brothers ecoa nas cabeças contemporâneas (até o U2 embarcou em viagem similar). Curiosamente, as letras são de Martin Gore, e não do ex-junkie Gahan. São, portanto, emoções de segunda mão. Mesmo assim, há momentos muito interessantes em "Ultra". "Home", por exemplo, é um clássico do melodrama pop.

O CD é variado: oferece clima ambient em "Uselink", abertura meio eletro em "Sister of night" e um suposto quase-jazz em "Jazz thieves". A porção country surge em seguida em "Freestate". As referências não importam tanto. Tudo é reconhecível, ganha a marca Depeche Mode. E isso é ad-

mirável: num mundo de clones (vide o repetitivo Britpop, cheio de pós-púberes de voz hesitante), é difícil encontrar carimbos tão marcantes. E esse tal mundo Depeche Mode é assim: fala de amores que precisam acontecer, de lágrimas, amargura, chuvas.

Musicalmente, eles mostram saber cada dia usar melhor a tecnologia. O disco não cai em penas tentativas-de-ser-o-mais-moderno-possível. Ele é Depeche Mode, ele saberá emocionar multidões. Se marca uma virada musical? A resposta parece ser não. Também, depois de quase duas décadas na estrada e mais de 20 milhões de discos vendidos, seria excessivo arriscar tanto. ■

O shopping mais bonito do Rio dá um Citroën no dia das mães.



No Dia das Mães o Iguatemi vai dar um Citroën ZX Furio pra você. Troque suas notas fiscais para concorrer. De 18 a 30 de abril você recebe 2 cupons a cada 30 reais em compras. E de 1º a 11 de maio você recebe 1 cupom. Antecipando suas compras você tem o dobro de chances de ganhar. Participe e boa sorte.

IGUATEMI
Rua Barão de São Francisco, 236 - Vila Isabel

Sob suspeita

A atual diretoria do Núcleo — fundo de pensão das estatais da área nuclear — vai denunciar por má-gestão, na Justiça, os ex-administradores da entidade.

Várias operações "equivocadas" teriam sido realizadas pelos acusados, com perdas potenciais de quase R\$ 10 milhões.

Sessão privê

Uma sessão especial de "O velho — A história de Luís Carlos Prestes" será realizada terça-feira, em Brasília, para os 1.500 sem-terra que ainda estão na Capital.

A cópia foi cedida ao líder do MST João Pedro Stédile, ontem, pelo produtor Toni Venturini.

Nem aí...

Está em risco a recuperação do acervo do Departamento de Música da Biblioteca Nacional.

A Embratel, que há três anos patrocina o projeto, ainda não liberou a ajuda deste ano.

O dinheiro — farto para a publicidade governamental — empacou no Ministério das Comunicações.

Quem vence

O ex-deputado Ronaldo Cezar Coelho reelege-se, hoje, presidente da Agência de Desenvolvimento do Rio.

Conselheiro da entidade — vinculada à sua pasta — o secretário de Indústria e Comércio, Márcio Fortes, não irá à votação.

Na agenda

A Comissão de Orçamento do Senado encerrará dia 6, com o ministro Kandir, seus debates sobre a Lei de Diretrizes Orçamentárias.

Os senadores esperam ouvir o anúncio de mudanças nas linhas gerais do Orçamento de 98.

Vão ficar no desejo.

Erro de cálculo

Mesmo com encontros agendados, empresários do Canadá interessados em investir em telefonia e energia no Brasil ficaram boiando, esta semana.

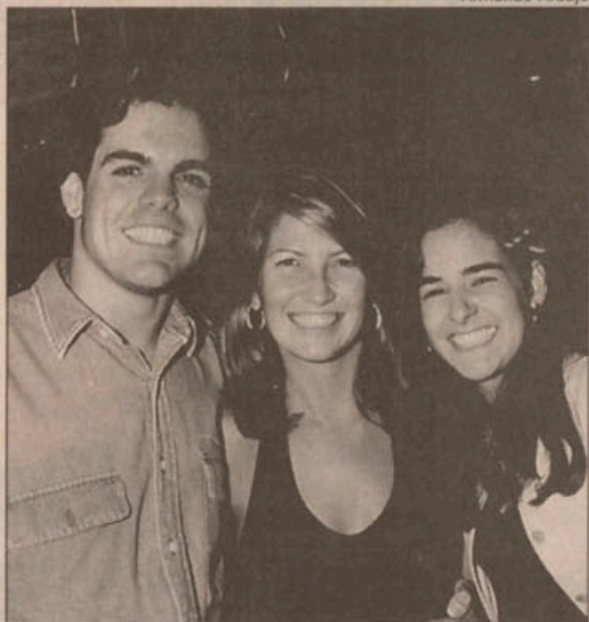
Não havia um só representante desses setores na comitiva que o presidente FH levou àquele país. O constrangimento foi total.

Swann



RICARDO BOECHAT

Armando Araújo



Karina Vasilcovsky, entre James Darcy e Flavia de Luca, comemorando seu aniversário, nos domínios do Amaral

Cristina Granato



Doris Monteiro e Dorival Caymmi, após o show dedicado ao novo disco do grande mestre baiano, no Copa

Paulo de Deus

Mão na massa

O deputado Elizeu Padilha apresentou um projeto, na Câmara, "alterando a denominação dos profissionais de massagens".

Concluiu que massagista virou sinônimo de prostituta.

Quer que a carreira passe a designar suas trabalhadoras como "massoterapeutas".

Paulo de Deus



Fernanda Barbosa e Bianca Byington, no desfile da Rosa Cha, no MAM

De molho

Norma Bengell está internada na Clínica São Vicente desde a noite de anteontem.

A diretora foi submetida pelo médico Gabriel Gonzalez a uma cirurgia de desbridamento — raspagem de área infeccionada — na mão direita, depois de ter sido mordida por sua cachorra.

Roubando a cena

Foram disputados a tapa por duas gerações da sociedade mineira os convites para o jantar oferecido ontem pelo presidente da Telemig, Saulo Coelho.

A razão do assédio foi a presença de Patrícia Pillar.

Atrás das câmeras

Carlinhos Brown está estreando na direção.

Cineasta amador, ele foi convidado pela produtora carioca Elektra para assinar, junto com o diretor André Buarque, o videoclipe da música "Água mineral", do Timbalada.

Notas suaves

Eleito o flautista número 1, em 96, pela revista americana "Jazz", Herbie Mann está no Rio.

O músico, que participou do álbum "Do the bossa nova" ao lado de Tom Jobim, Sérgio Mendes, Luiz Carlos Vinhas e Baden Powell, gravado em 1962, vai se apresentar dia 30, no Mistura Fina.

Música engajada

Conhecida pela defesa de causas ecológicas, a banda australiana Midnight Oil vai fazer política, além de shows, em sua turnê pelo Brasil, em maio.

Participará, junto com militantes do Greenpeace, de uma manifestação contra a fumaça negra no Rio e em São Paulo.

Burra cheia

Um cheque de R\$ 330 milhões será depositado, segunda-feira, na conta da Sul América.

É a primeira parte dos R\$ 425 milhões que receberá da americana Aetna para fundarem, juntas, uma nova seguradora no Brasil.

O acordo foi homologado ontem.

Sangue ralo

Foi tão decepcionante quanto no Senado a campanha pela doação de sangue do Hemocentro de Brasília, ontem, na Câmara.

Apenas quatro dos 513 deputados da Casa se apresentaram como voluntários.



As bonitas Silvia Alencar, Marcella Mureb e Renata Paiva, esbanjando juventude na festa de aniversário de Nívea Caldas

LEILÕES DE SÁBADO

Com ar central & Buffet

TODOS OS SÁBADOS ÀS 17H. LEILÃO AMANHÃ EXPO HOJE DAS 10 ÀS 22H.

ÓTIMAS OPORTUNIDADES

Obras de arte em 3 parcelas. Captação de peças para os leilões diariamente das 10 às 19h.

NOTAS

• OBRAS DA VIA LIGHT

O Governador Marcello

Luz abre sindicância para